

# **Ra-Tá-Tá-Tá-Tá, toque a corneta que eu quero marchar: um relato de experiência com o ensino de música em um Colégio Militar.**

*Anderson Fabrício Andrade Brasil*  
Universidade Federal da Bahia  
*sonsbrasil@gmail.com*

**Resumo:** Este artigo busca apresentar relatos de uma experiência pedagógica vivida quando se pôde observar de que forma o ensino da música no Colégio Militar da Bahia acontece na unidade de Dendezeiros, compreendendo, sobretudo a importância da aprendizagem musical neste ambiente, assim como o impacto das aulas de música no processo de formação humana desses alunos. Inicialmente, apresenta um breve histórico sobre a criação dos colégios militares no Brasil, em seguida a Educação Musical ocorrida no período denominado “Era Vargas” e, por fim, procura aclarar de que modo às referidas práticas pedagógicas desenvolvidas no curso de violão do CPM/Dendezeiro permitiu a formação de conteúdos pedagógicos – musicais no âmbito de um colégio militar.

**Palavras chave:** Educação Musical, Colégio Militar, Formação Humana.

## **Introdução**

A educação escolar nos Colégios Militares Brasileiros é comumente associada a um ensino de qualidade e excelência tendo iniciado com o Brasil Império, trazendo influências fortes do positivismo francês. Inicialmente eles foram criados para amparar os filhos de militares mortos em combate (Leal, 2009).

O primeiro Colégio Militar do Brasil foi fundado em 1888, na cidade do Rio de Janeiro. Era administrado integralmente pelo exército brasileiro e atendia exclusivamente aos filhos de seus militares. É sabido que os Colégios Militares costumam ter desempenho acadêmico superior ao da maioria das escolas públicas brasileiras e abarcam uma estrutura que difere muito das demais escolas regulares do país. Os seus sistemas de seleção são independentes, mas todos eles possuem a disciplina e a hierarquia como princípios basilares para a sua proposta educacional. Com uma doutrina de ensino baseada na filosofia do Exército Brasileiro, todos os Colégios Militares buscam adequar os conteúdos educacionais também a esses preceitos militares, incentivando o patriotismo através do ensino de hinos cívicos.

No Brasil, desde o início da década de 1920, grande setor da intelectualidade passou a olhar com simpatia alguns ideais nacionalistas. Às vésperas de 1930, essa ideologia já se havia alastrado e impregnado na mentalidade da maioria dos quadros fortes da política nacional (CHERÑAVSKY, 2004, p.2). Esse ano ficou marcado pelo fim da chamada “República Velha” e pela ascensão de Getúlio Vargas ao poder, como representante de setores que há muito tempo vinham sendo excluídos da cena política.

Durante os anos marcados pelo Regime do Estado Novo, processaram-se mudanças em todos os níveis de ensino, do primário ao universitário, passando pelo secundário normal e profissionalizante. O governo Vargas na maioria das vezes se caracterizou pela utilização de recursos que buscassem ajudar na exaltação do nacionalismo. Estes recursos variaram de projeção de filmes a alto-falantes em praças e, principalmente, a criação de veículos estatais responsáveis pela censura e a estatização de vários meios de comunicação (Benevides, 2004).

Neste período, o governo de Vargas foi sofrendo contínuas transformações, e o Regime foi assumindo uma nova roupagem. O músico Heitor Villa-Lobos se manteve ligado ao serviço público durante toda essa era. O seu programa de educação cívico-musical, também foi adquirindo características operacionais e ideológicas, à medida que aumentava o poder de decisão do maestro Villa-Lobos.

Já no final de sua carreira de funcionário público, na direção do Conservatório Nacional de Canto Orfeônico, Villa-Lobos tornou-se responsável pela formação de todos os professores habilitados a ministrar essa disciplina nas escolas e colégios públicos do país. A partir de 1937, com a implementação do Estado Novo, as concentrações orfeônicas passaram a ser realizadas com uma maior frequência, transformando-se no ápice dos festejos nos dias de festa nacional (CHERÑAVSKY, 2004, p. 4,5).

Neste contexto, aumentaram também o número de Colégios Militares no país. Atualmente existem 12 colégios geridos pelas forças armadas no Brasil e outros administrados pelas suas forças auxiliares, como a Polícia Militar. O número desses colégios difere de Estado a Estado, em virtude de não haver sistematização nem padronização entre as polícias de cada Estado. As Polícias Militares constituem força auxiliar e reserva do Exército Brasileiro, tendo sua estrutura constituída também com seus organogramas que se baseiam nas forças militares.

Há exigências a serem obedecidas pelos alunos que diferenciam os Colégios Militares das outras escolas regulares, como os cortes de cabelo a cada 15 dias, a prática de esportes olímpicos, o uso de uniformes impecáveis, a forma de cumprimento aos superiores, assim como a contratação de um corpo docente selecionado pelo nível de conhecimento altamente aprimorado. Esses fatores integram elementos que, somados, conduzem os Colégios Militares à frente de todas as estatísticas de aprovação dos seus alunos em vestibulares e diversos concursos nacionais e internacionais.

### **Descrição do objeto de estudo: Colégio da Polícia Militar da Bahia – CPM-BA**

No estado da Bahia, existem treze Colégios da Polícia Militar<sup>1</sup>, sendo três deles situados na capital e dez em cidades do interior do estado. O Colégio da Polícia Militar, localizado à Avenida Dendezeiros, Bonfim, no Município de Salvador, no Estado da Bahia, objeto desse estudo, foi criado em 09 de abril de 1957. Os parâmetros educacionais foram estabelecidos pelos princípios dos direitos humanos, do civismo e patriotismo, bem como pelas tradições históricas da Instituição Policial Militar da Bahia, com o intuito de contribuir para o desenvolvimento e formação integral do educando e seu preparo para o exercício da cidadania.

Este colégio atende a uma população estudantil oriunda de diversos contextos sociais e é mantido e administrado pela Polícia Militar do Estado da Bahia e Secretaria da Educação do Estado. A hierarquia e disciplina são preceitos fundamentais em todos os relacionamentos que envolvem os membros da instituição. As vagas disponibilizadas hoje para o CPM-BA são insuficientes para atender a comunidade, sendo feito, portanto, um sorteio anual para o preenchimento das vagas abertas. Esse ingresso para os cidadãos civis é uma conquista recente, haja vista que anteriormente, somente os militares tinham a oportunidade de matricular seus filhos. Essa mudança aconteceu na década de 2000, resultando da luta da população para seus filhos também tivesse acesso a um ensino nos parâmetros dos CPMs.

O sorteio é pleno de rigor, o que é percebido tanto nas questões de idoneidade na organização do sorteio como nas exigências feitas aos futuros ingressantes, a exemplo da aquisição de vários uniformes bem como de um vasto material didático, somando um valor

---

<sup>1</sup> [http://www.pm.ba.gov.br/index.php?option=com\\_contact&view=contact&id=22&Itemid=801](http://www.pm.ba.gov.br/index.php?option=com_contact&view=contact&id=22&Itemid=801)

considerável. Isso resulta em desistências ou tomadas de empréstimos bancários de pais menos providos de recursos revelando, desta maneira, uma seleção a mais para os interessados.

### **A música nos Colégios Militares**

A presença da música é uma tradição em todos os colégios militares do Brasil. Embora no CPM de Dendezeiros, a banda marcial seja composta de um volume maior de músicos, em todas as demais esta formação musical está presente no contexto educacional de modo significativo para o processo de formação do civismo e do patriotismo. Como experiência musical nesse contexto, as ordens dos comandantes são realizadas através dos diferentes toques das cornetas, fazendo com que os alunos os identifiquem e executem movimentos militares correspondentes a cada trecho melódico emitido. Esses movimentos indicados pelos toques de cornetas a exemplo de apresentar a arma, “entrar em forma”<sup>2</sup>, dar meia volta até que retorne à posição de descanso. Ao total, são trinta e um toques diferentes que devem ser memorizados pelos estudantes para que o comando seja executado segundo as convenções previamente estabelecidas. Essa forma de linguagem através dos toques previamente convencionados nos remete a Schaff quando diz:

Os homens comunicam-se por meio de gestos, linguagem fônica, escrita, filmagens pictóricas previamente convencionadas, etc. Em todos esses casos, porém, sempre por meio de signos. Gestos, sons da fala, escrita, sinais – todos são uma forma de signo, os quais por sua vez, organizados em sistema, constituem uma forma de linguagem. (SCHAFF, 1968. Pag. 161).

Outro momento importante no que se refere à presença da experiência musical no ambiente dos colégios militares é marcado pelo desfile do sete de setembro, dia da independência, evento mais importante do calendário do colégio, tendo abarcada nesse evento todos os alunos. Nesse período, os alunos são dispensados de algumas aulas, dedicando parte

---

<sup>2</sup> “Entrar em forma” é como se chama o posicionamento padrão de uma tropa militar para uma solenidade, conferência de uniforme, corte de cabelo ou até mesmo uma contagem numérica do efetivo.

do período escolar indo ao pátio do colégio para ensaiarem os hinos cívicos, os movimentos correspondentes aos toques de corneta, bem como treinar as marchas militares para o desfile.

As funções que a música exerce nos CPMs são peculiaridades do rito cívico que cumpre a função de uma linguagem militar que é específica desse contexto. Esse rito compreende práticas musicais durante todo o ano letivo. No entanto, os diretores, coordenadores e professores dos colégios costumam requisitar todos os alunos para três datas comemorativas importantes tanto no Estado quanto no País. São elas o referido desfile de sete de setembro, a solenidade de independência da Bahia comemorada em dois de julho e a Proclamação da República em quinze de novembro.

Neste contexto, vê-se que a música é utilizada como uma função para alcançar um propósito estipulado pelo corpo docente e direção da escola, mesmo considerando que acontecem aprendizados significativos. Merriam (1964) faz uma distinção entre o uso e a função da música. Ela afirma que o “uso” se refere à situação na qual a música é aplicada em ações humanas; a “função” diz respeito às razões para o seu emprego e, particularmente, os propósitos maiores de sua utilização.

Mesmo tendo uma relação direta com as práticas militares, a música promove o desenvolvimento de aspectos psicossociais além da aprendizagem de conteúdos, permitindo a construção de um conjunto de valores internos, nos fazendo lembrar Kater (2004), quando se refere a música como uma das ferramentas mágicas para promover o desenvolvimento interno e a qualificação humana, sendo até a mais abstrata e de maior sentido coletivo.

Arroyo (2002) adverte ainda que é preciso entender tanto a relação que as pessoas estabelecem com a música quanto a sua dimensão social, o que significa considerá-la inserida em práticas sociais específicas, constituindo novas relações entre as pessoas que vivem experiências musicais que as levam a construção de um saber coletivo.

## **A Educação Musical no CPM-BA**

No CPM de Dendezeiro a Educação Musical se expressa de diversas formas. Um subtenente com formação em música, tecladista, criou a cerca de dez anos, sete oficinas de instrumentos contemplando violino, bateria, teclado, canto coral, flauta doce, prática de orquestra e violão. Especificamente nas oficinas de violão, nos chamou a atenção a

flexibilidade dos professores contrastando com a rigidez que até então estava presente nas práticas musicais dos ritos cívicos. A partir deles, o modo de cada estudante de música se comportar nas oficinas e nas apresentações públicas, os antigos modos de tocar instrumentos de bandas marciais em datas comemorativas foram substituídos por posturas voltadas para a execução instrumental.

Embora possamos entender o avanço relatado na prática pedagógico-musical do Colégio Militar, vale acrescentar que os estudos contemporâneos da Educação Musical já se preocupam com a formação dos sujeitos tanto em nas perspectivas da subjetividade como das sociabilidades. Entendendo a necessidade de compreender a relação dos jovens com a música e com a sociedade, Lucy Green afirma que as aulas de música devem ser entendidas como práticas sociais e devem ser capazes de investigar as manifestações e valores peculiares da relação indivíduo-música na dimensão dos significados musicais (GREEN, 2010).

Dez anos depois, além das oficinas, foram criadas turmas de musicalização para crianças e adolescentes, através do violão. O criador deste projeto teve inspiração durante seu estágio de graduação como aluno de Licenciatura em Música na Universidade Federal da Bahia, tendo trazido, portanto um formato pedagógico-musical mais voltado para formação humana dos envolvidos no processo de musicalização.

Para a realização das atividades pedagógicas, o professor se baseava nas abordagens e métodos de educadores musicais que defendem a vivência musical antes da leitura e escrita a exemplo de Keith Swanwick e Edgar Willems. Havia um ambiente estimulante para a prática musical, apesar da tradição do Colégio em relação à disciplina e a hierarquia ali construída. Outro fator bastante relevante foi o grande número de alunos interessados em fazer as aulas de violão no contra turno escolar, havendo até lista de espera para aqueles alunos que não conseguiram vaga.

Foram recebidos um total de 60 inscrições para a turma de violão, tendo sido selecionados 20 desses alunos. O critério de seleção considerou o nível musical e a disponibilidade do instrumento por parte de cada candidato, além de considerar a experiência musical anterior. Foram constituídas quatro turmas de cinco alunos e, como os alunos tinham nível de formação musical variada, foram distribuídos em grupos que pudessem corresponder de forma mais próxima cada um desses níveis.

As aulas tiveram início em março de 2012 e os planejamentos seguiam os pressupostos de Willems cuidando da gradação dos conteúdos, bem como as atividades principais de aula sugeridas por Swanwick ou seja; criação, apreciação e execução. As atividades de leitura e escrita eram precedidas de práticas musicais tais como canto, batimentos corporais e instrumentações utilizando improvisações rítmicas melódicas e harmônicas.

As músicas trabalhadas contemplavam as expectativas de cada um. Jusamara Souza, afirma que cada aluno traz consigo diversos contextos socioculturais, impregnados de valores particulares a respeito de muitas coisas que os cercam, dos acontecimentos em suas vidas e tudo mais que acontece em sua volta. Ela julga necessário aproximar-se do significado que a música tem para os alunos considerando as condições do cotidiano deles, (SOUZA, 2000, p. 11).

O repertório mesclava canções populares e eruditas, criando arranjos apropriados ao grupo. A execução instrumental constava de reprodução de modelos escritos de diferentes claves rítmicas<sup>3</sup> e do acompanhamento do professor ao violão ou ao saxofone, inserindo improvisos melódicos e rítmicos.

Percebia-se que a prática do improviso estimulava a criatividade e o respeito mútuo dos alunos já que cada um deles ouvia o colega antes de criar seu modelo. Essa prática se baseia em Swanwick, que diz: “o aluno tem que ser estimulado à prática da composição, a improvisação, ao estudo da literatura, das informações dos sinais e dos termos musicais. [...] devem ser capazes de ouvir a si mesmos e aos seus colegas, a técnica será o resultado da fluência musical” (Swanwick, 2003, p. 70).

Como a sala onde eram feitas as aulas de violão dispunham de diversos instrumentos de percussão, flautas doces e instrumentos de cordas elétricos, sempre havia a oportunidade para os alunos experimentarem outros instrumentos, tocando acompanhamentos rítmicos ou pequenas melodias. Em todas as aulas, havia um momento para a execução vocal e instrumental em duplas, ou grupos pequenos, buscando formar a maturidade musical e emocional necessária às apresentações públicas e ao crescimento emocional. Bastian defende a ideia de que “a prática da música e a Educação Musical podem estimular em um mesmo

---

<sup>3</sup> Claves é nome dado ao conjunto de figuras rítmicas que compõe um gênero musical.

processo de aprendizagem, as capacidades cognitivas, estéticas, sociais, emocionais e psicomotoras” (BASTIAN, 2009, p. 42).

Neste cenário, acredita-se que a aprendizagem musical coletiva desempenha o seu papel também para a formação de valores pelas experiências vividas pelos jovens “ao cantarem juntos a um só tempo, executando ritmos e melodias de modo coletivo” conforme mostra Dias (2011), ao tratar da interação como resultado significativo na vida dos indivíduos quando vivenciam suas práticas musicais.

Ao aproximar-se do final de ano, os alunos foram convidados para uma apresentação pública no auditório do Colégio, evento que representou uma experiência musical importante para eles até mesmo porque ali estavam os pais, a direção da escola, os professores e os demais alunos.

Foto 01 - Apresentação dos alunos no CPM/Dendezeiros – Salvador/BA



Fonte: Próprio autor

Nesse contato com a plateia, percebeu-se um maior fortalecimento da autoestima dos jovens, até mesmo pelos aplausos e elogios da plateia, especialmente dos pais e professores. Esta devolutiva dos expectadores, diante do resultado pedagógico-musical, nos remete a

Green, que estuda as relações entre música e sociedade e defende a ideia de que “todos os aspectos do significado musical são construídos socialmente” (Green, 2010, p. 109).

### **Considerações finais**

Ainda que a música tenha uma função cívica dentro de um colégio militar, ela não se encerra nesse único propósito. Quando vivida neste contexto aqui estudado, pôde-se perceber que além de seus intentos mais notórios como a sensibilização musical e artística ela, notadamente, promove o desenvolvimento de aspectos psicossociais tais como a autoestima, a autoconfiança, o prazer e, sobretudo, a aproximação com seus colegas, professores e até mesmo pais que visitam o colégio para ver seus filhos.

A realidade do ensino e da aprendizagem musical em diferentes contextos é uma aproximação importante para o amadurecimento da Educação Musical como área de conhecimento. O colégio militar especificamente costuma ser pouco visitado pelos pesquisadores dessa área, embora seja um campo fértil até mesmo pela sua peculiaridade dentro do sistema educacional brasileiro.

## Referências

ARROYO, Margarete. Um olhar antropológico sobre práticas de ensino e aprendizagem musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, nº 5, 2000.

BASTIAN, H. G. Música na escola. Ed. Paulinas: São Paulo, 2009.

BENEVIDES, Maria Victoria de Mesquita. A UDN e o udenismo. Coleção Estudos Brasileiros, 51 vol. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

COLÉGIO DA POLÍCIA MILITAR DA BAHIA. Disponível em [http://www.pm.ba.gov.br/index.php?option=com\\_contact&view=contact&id=22&Itemid=801](http://www.pm.ba.gov.br/index.php?option=com_contact&view=contact&id=22&Itemid=801). Acesso em 05. 07.2014

CHERNAVSKY, Anália. Um maestro no gabinete: música e política no tempo de Villa-lobos. Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2003.

DIAS, Leila. Interações nas práticas pedagógico-musicais: dois estudos de caso. 224f. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

KATER, Carlos. O que podemos esperar da educação musical em projetos de ação social. Revista da ABEM. Porto Alegre, nº 10, p. 43 – 51, 2004.

GREEN, Lucy. A aprendizagem informal e a Escola: uma pedagogia nova sala de aula. Jornal da Sociedade de Musicologia na Irlanda, 5 (2010).

\_\_\_\_\_. Popular music education in and for itself and for ‘other’ music: current research in the classroom. International Journal of Music Education, 2006, vol. 24 (2), 101-118.

LEAL, Fabiana Maria. “Por trás dos portões” – a disciplina no Colégio Militar de Curitiba (1959-164). Disponível em [http://www.utp.br/historia/revista\\_historia/numero\\_3/link/Fabiana-Maria-Leal.pdf](http://www.utp.br/historia/revista_historia/numero_3/link/Fabiana-Maria-Leal.pdf). Acesso em 18. 09.2013

MERRIAM, A. O. The anthropology of music. Evanston: Northwestern University Press, 1964.

MORAN, José Manuel. MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 19 ed. Campinas-SP. Papirus. 2012.

SCHAFER, R. Murray. O Ouvido Pensante. FONTEERRADA, Marisa T. O.; SILVA, Magda R. Gomes da; PASCOAL, Maria Lúcia (trad.). São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1991.

SOUZA, Jusamara (org). Música, cotidiano e educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música/UFRGS, 2000.

SWANWICK, Keith. Ensinando Música Musicalmente. São Paulo: Moderna, 2003.

WILLEMS, Edgar. As Bases Psicológicas da Educação Musical. Suíça: Pro - Música, 1970.